



Gaiato



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano V—N.º 121
Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedária — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
16 de Outubro de 1948

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais 200\$ da Anadia e que diga eu quando por ali passo no Morris, para almoçar! E que leve na minha companhia um rapaz, para tomar conta do mais que lá tem para nos dar!! Viva a Bairrada! Mais um voto de um almude de azeite de Vila Real, e que mande eu a lata quanto antes. Mais 100\$ por carta. Mais, por carta, de uns pequenos nada da minha avó, cujos nada representam muita coisa. Mais 20\$ pelas almas do purgatório. Mais um fato novo, em lólia. E que lindo! Que será isto? E' da cidade do Porto. E' silencioso. Procurei nas algibeiras e nada. Mas não é cadáver. Não é tão pouco mortalha. E' demonstração de uma vida. Mais roupas usadas. Mais brinquedos. Mais um senhor, outra vez do Porto, que nos veio visitar, deixou o cartão da sua loja: Instalações eléctricas e motores. Mas não foi cartão pra gente saber quem éle é. Foi mas é para oferecer artigos que nos possam ser úteis, e logo ali consertamos na remessa de um motor, a escolher, para as nossas oficinas. Um senhor modesto, escondido, calejado. E' do Porto.

Uma coisa: Aqui há um rôr de tempo, esteve na nossa casa um senhor também do Porto, que nos deixou um cartão precisamente nas mesmas condições. Oferecia-nos 6 chuveiros e que os vinha cá instalar éle mesmo. Ora nós, ao tempo não tínhamos ainda balneário e agora, que o temos em construção, não temos o cartão. Perdeu-se! Não sabemos de quem se trata. Talvez éste apêlo descubra a Pessoa. Oxalá. São vinte e quatro cabines, todas em azulejo branco, independentes e cada uma com seu pequenino vestuário. E' ao pé do campo de jogos. Tudo no seu lugar, como também tem estado no seu, sempre, aqueles que nos escutam. Nós acreditamos na água fria e no sabão, como elementos indispensáveis na regeneração d'esta gente. Acreditamos sim.

Mais um postal dirigido ao Arouca dos porcos, a comunicar a oferta d'uma bola, a qual chegou no mesmo dia e pela mesma via do dito. Até aqui muito bem, mas o nome é que não está certo. Arouca dos porcos! E isto num postal; um endereço público!! Não bastam os nomes que os rapazes de casa se dão, senão que os senhores de fora também os põem: Arouca dos porcos. Eu cá protesto. O rapaz tem nome. E' Alfredo. Chama-se Alfredo Ribeiro, natural de Arouca, aonde foi um destes dias levar 100\$ à sua mãe. Ora assim é que é. Mais esta carta:

Junto 20\$00, para a ajuda da compra da aliança, que esse rapaz que ganha pouco para a comprar, e teve a confiança de lhe pedir a ajuda, como se o fizesse a uma mãe. Como nestas coisas todas se vê o carinho! Como a Obra da Rua faz bem, a quem só tem pena dos desamparados, e não tem recursos para auxiliar. Eu fico-me com a mágua do meu orçamento ser escasso para as despesas da família, e consolo-me em lêr o Gaiato pois sempre vejo com alegria, que sempre vai aparecendo quem saiba dividir o que Deus lhe dá.

Como os seus rapazes teem a consoladela com as uvas, assim na minha casa de quinze dias, há uma consoladela com a chegada do Gaiato. Todos o queremos lêr a um tempo, e eu que nunca tenho vagar de lêr jornais, deixo o trabalho para o

lêr. E' que sempre trás coisas que me interesse e me consola a alma. Só lamento não poder ajudar como o meu coração deseja.

Assina-se uma leitora certa do Gaiato. E' uma anónima. Com certeza é Mãe. Mais uma máquina de escrever. Pediu-se aqui na quinzena derradeira e aqui aparece agora! Desde o ano de 1934 que nós pedimos coisas por esta forma. Pois muito bem. Está para vir um pedido que haja ficado em branco! Isto significa que a coisa é necessária; que tu és bom; que Deus existe. E também quer dizer que quem pede não tem nada.

Com a oferta, vinha esta carta:

Acabo de ler o cada vez mais FAMOSO de 18, no qual e na secção «DO QUE NÓS NECESSITAMOS» vi que teem urgência de uma máquina de escrever.

Remeto uma por intermédio dos queridos Amigos do «DEPÓSITO», na Rua dos Clérigos. Se por ventura já tiver chegado outra e puderem dispensar esta, podem vende-la, mas nunca por preço inferior a 2.500\$00, verba esta que foi oferecida pela mesma.

Acedendo também ao pedido feito no mesmo número para as «CONSOLADELAS», envia um «feliz avô» e «NETINHO» a contribuição que é pedida, isto é, uma nota de CEM por cada um de nós.

E até breve, permitindo Deus.

Note-se a maneira como ela termina: Até breve. Este senhor não quer afastar-se. Não quer perder éste Bem. Tem fome. Tem sede. Pois será farto, — promessa divina.

Além da máquina, vinham duas notas de cem para as Consoladelas. A máquina não chega. Ele tem fome. Quer-se fartar. Deseja outros no negócio das uvas. Oh fome que fazes fatura! Tudo quanto nasce do Evangelho é precioso, até a fome e a sede! Meu senhor; se encontrou a perola, não a troque nem a deixe. E pode, sim, chamar-se feliz avô, — porque o Sermão da Montanha assim o tem canonizado.

Por Consoladelas, cabe agora dizer que, desde Vila Real de Santo António, aonde o movimento começou com cem escudos, até Melgaço, todos os corações arderam numa perfeita e harmoniosa conflagração de amor.

Junto às notas, vinham declarações como esta: quero ter o prazer máximo de contribuir; sublinhando a tinta encarnada o prazer máximo.

Tudo ali fala. Fala a tinta. Fala a côr da tinta. Fala o objectivo. E o melhor fica por dizer. O homem não tem palavras com que exprima as consolações celestes, muito embora fale delas. Senhor do Céu! Beleza Incrível! De onde, senão de Vós, vem a beleza destes cachos das merendas, pois que há milhões d'eles por aí além e não são mais do que cachos!

Mais 300\$ do meu primeiro ordenado para essa encantadora obra. Não sei se os artistas e poetas se ouvem, quando executam ou escrevem os seus poemas. Não sei. Eu cá oiço-me. Eu cá dou fé, ao escrever esta coluna amorosa.

(CONTINUA NA 2.ª PÁGINA)



Ei-lo aqui mais uma vez. E' o Príncipe, já nosso conhecido de outras ocasiões.

Esteve ontem em nossa casa alguém que sabe a história; algo da sua história. Aos dezoito meses, jazia dentro de um caixote de sabão, com uma garrafa de leite ao lado, sem tino para o ir buscar nem forças para o beber. Dali foi retirado por alguém que o encontrou.

Eu não vi, mas acredito. Justamente dentro de caixas de sabão com garrafas de leite ao pé, topava eu dantes muitas crianças nos sótãos das casas, à espera da mãe que só vinha à noite. Então não tínhamos Casas do Gaiato. Não podíamos transplantar como agora fazemos.

Estes príncipes são testemunhas de acusação.

Eles veem aqui às nossas casas acusar o Mundo. Cada um de sua maneira, mas todos acusam! Oh terrível acusação! Não que eles se queixem. Eles não dizem nada. Eles pedem. Aquele da semana passada, que pedia que o remendassem. Não acusam. A sua presença é que constitue a acusação.

O Príncipe foi apanhado há dias em mentira flagrante, a qual repete e segura durante largos minutos. Um dos chefes, a quem ele estava mentindo, por muito que o estime e ameigue, nem por isso deixou de o castigar. Tanto, que o pequenino, por fim, diz a verdade.

Soube do castigo, mais tarde, e ouvi o seguinte comentário: Temos de o castigar e não achar graça às suas mentiras, quando não ele toma gosto e amanhã é um mentiroso.

Não sabia da existência de educadores nas Casas do Galato. Verdadeiros educadores. Aqui fica a lição aos paizinhos que acham infinita graça às mentirinhas dos seus ricos meninos.

Do que nós necessitamos

(Continuação da 1.ª página)

Se alguém chora. Se alguém ri. Se alguém ama. Muito mais e primeiramente eu. Quem não há-de vibrar? *Trezentos escudos do meu primeiro ordenado?*

Outra carta:

Vai junta a importância de 300\$00, oferecida pelos 3 meus filhos mais velhos, para ajudar ao pagamento das duas do Douro, que tão bem devem fazer à saúde dos seus Rapazes.

Como retribuição desta pequena oferta, peço-lhe que rexe um Padre Nosso para que Deus, auxilie, como tem feito até hoje, esta família de oito filhos, e que está à espera do nono.

Um pai que quer cumprir, o melhor possível, o seu dever de cristão-católico.

O amor verdadeiro divide-se, sem se diminuir. Esta carta é um documento. Aqui temos o amor de Deus, da Família, do Próximo a reinar no coração de um Pai que quer cumprir.

Mais no Depósito uma data de roupas e de envelopes. Envelopes que são migalhas. De gotas se fazem os rios. O dia em que a nossa obra fôsse rica, começaria a sua demolição! Parece barbara esta doutrina, que produziu a destruição dos Barbaros! Roupas. Roupas usadas. Roupas quentes pelo uso que tiveram ao teu serviço. A força d'aquêlê *vestir os nus*. De um pacote, retiramos maravilhas, sendo a maior delas a sigla do amor: *E' de gente sã*. Sim. Mais da alma do que do corpo. Roupas preciosas. Tanta e tal, que eu chamei a costureira e recomendei que fizesse dela os enxovais dos dois que vão frequentar o liceu: O Zé Eduardo e o Carlos Inácio, que já vai para o II ano. Eram ambos de Ramalde, mestres da escola da rua! Mais 10 dolares para melhorar o jantar dos gaiatos no dia 10, aniversário da irmã do vovente, Florinda. E' assim que vem na carta.

Melhorar o rancho, sim. O pior são os talheres para cada um d'eles. Temos colher. Colher e prato é o que cada um tem na mesa. Uma colher e um prato; ora para todos já não digo, mas alguns talheres para a mesa dos mais crescidos, isso sim. Sobretudo para os do Lar do Porto, que já olham para a sombra... Isso sim, muito desejávamos e aqui deixamos o pedido. Das fábricas é que calhava. Fábricas de Guimarães. Quem lhes passa palavra, por favor? Os amigos teem amigos. Quantos há que nos conhecem e amam por indicação de amigos, — quantos?! Ora vamos a ver o que na volta vem.

Peças de pano para lençois é uma das nossas actuais necessidades. Outra vez as fábricas. São elas que teem a palavra. Eu tenho medo das fábricas! Um dos nossos rapazes do Porto, aqui em fim de semana, disse-me baixinho, em ar de confidência: *Nas fábricas é que é...!* Disse com tristeza. De tudo quanto êle narrou, só se aproveitou a tristeza com que o fez. Tenho medo das fábricas! Apesar de todas as exigências e formalidades da lei, é sempre muito sujo o ar que ali se respira. E o pior de tudo é que ninguém faz caso e até se diz assim é que está certo! Tenho medo das fábricas!

Noutro dia apareceu-nos aqui um rapaz fugido de sua casa a pedir agasalho. Tais coisas me contou do que se passava com a família, que eu hesitei. Saí a indagar. O homem a quem pedi informações disse que era tudo verdade. E remata, com a maior das convicções.

—Então v. não sabe; é a fábrica. Ali ao pé há uma fábrica.

O informador não é um homem de letras; é de tino. Olha para as coisas como elas são; — e não *deviam* ser. Não devia ser assim. O trabalho e os seus frutos, formam parte integrante da dignidade do nosso ser. Rebaixar uma coisa ou outra, é rebaixar-se.

Mais de Lisboa uma carta a dizer assim:

Aqui vai uma nota de cem para juntar às 24 que com certeza appareceram, para pagar a Consoladela. Gostaria muito de ter essa grande consolidação de poder mandar as 25, mas como não posso vai só uma, que espero ainda chegue a tempo, não mandei há mais tempo, por estar fora de casa. Se já estiver preenchido o meu lugar, ficará para outra coisa.

Logo que possa mando outra migalha, para a grande obra.

A letra é muito certinha, muito bonita e não se sabe de quem é, por isso é que tem valor.

Também se gosta muito da terminação da carta — *para a grande obra*. Aqui outra vez um grande valor. Tivesse lá a Sua e tinhamos uma

Nota da quinzena

Dois irmãos pequeninos, mendigavam nas ruas do Porto. A sua história, é semelhante à de muitas outras que se occupam da mesma sorte. Eles são exércitos. Armas? São nossas. Nós é que lhas fornecemos!

Perto, mora uma família. O Chefe é operário e a mãe cuida de 4 filhos que o casal tem. Quatro filhos menores. Ela vê hoje e amanhã as duas crianças a pedir. Vê-as sujas, tristes, famintas. Faz-lhes perguntas. *Sente* quanto sofrem. Prevê os perigos a que andam sujeitas. Em casa dirige-se ao seu marido:

- Deixa-mas trazer.
- Não temos lugar.
- Temos a Casa do Gaiato.
- Pois sim.

Logo naquela noite comeram e dormiram à moda dos seres racionais. Pouco depois, foi dar a Paço de Sousa uma mulher ainda nova, com duas crianças pela mão. Era ela; a mesma que antes *sentira* a desgraça dos dois inocentes. Sentiu e amou e mexeu-se. Tinha-as ali. E' assim o amor.

Que não, disse eu.

—Não temos lugar.

—Olhe que eu pedi o dinheiro para o combóio.

—Pois torna a levar consigo os dois rapazes. Não temos lugar.

A mulher senta-se ao pé de mim. Por falas suas, narra de como os pequeninos haviam sido enviados de Lisboa, por sua mãe, ao pai, que reside no Porto. Não foi a distância que os separou; foi a carne... oh inimigo implacável e cruel! Narra de como o pai, sem meios de vida, entrega os filhos aos cuidados de uma mulher semelhante a ele; e diz dos maus tratos e tudo o mais que pertence à senhora Miséria. Conta as coisas tal-qual. Aonde sim, sim. Aonde não, não. Finalmente, sem dar fé do seu heroísmo, disse-me que os levara para a sua companhia.

—Mas eles são-lhe alguma coisa?

—Não senhor. Eles não me são nada!

Aqui fez uma pausa. Inclina a cabeça e acrescenta baixinho, como quem se envergonha de falar: — *Eu também tenho filhinhos e deu-me pena*. Eu tremi! Arrependi-me de tudo quanto lhe dissera e ali mesmo dei mostras da minha dor. As crianças ficaram. Venceu ela. Venceu pelo seu amor: *eu também tenho filhinhos*. Tinha de vencer.

Andam os tempos. Um dia, no Porto, topo esta mãe à porta da nossa casa. Convidei-a a entrar e ela assim fez. Nós ficamos amigos daquela ocasião; grandes amigos. A estes amigos devo eu tudo quanto tenho feito e dito. E na minha hora suprema, hão-de ser ainda *eles* os meus verdadeiros amigos.

Sentou-se ao pé de mim. Falamos dos dois rapazes. Depois, fala ela de si. Enfraqueceu. Os médicos, mandaram-na retirar dos seus afazeres. Vai para um sanatório...! *Ando a ver se deixo os meus filhos em boas mãos*, disse. Nisto, faz uma pausa. Ela cansa-se até de falar. Um sorriso leve e misterioso inunda-lhe o rosto pálido. *Sabe; já tenho tudo bem encaminhado*. Continuando, diz baixinho do exito dos passos que dera e agora, com a eloquência dos prégadores, acrescenta mais baixinho ainda: *Eu também tirei da rua aqueles dois pequeninos*.

Agora sou eu que me inundo de alegria. Alegria interior. O Evangelho é sempre a *Boa Nova* ainda que seja prégado pela mulher de um picheleiro do Porto. Aquelle *também* é a promessa: Tal fizeres qual acharás.



Visado pela Comissão de Censura



coisinha restrita, do meu tamanho, a valer tanto como eu. Mas não. A Obra. O Decalogo em marcha. Dez mandamentos num só verbo: *Amor*. E o Amor fez-se sangue!

Bernardo de Moçambique, sim senhor. Pode fazer todos os meses como fez este. A gente vai aqui a um cambista, entrega a nota, êle come dez por cento e dá o resto. Na política de aproximação entre colónias e metropole, não vem esta doutrina. Isto deve ser coisa de Banco.

Mais do Dr. Zéquina os 50\$ de sempre. Oxalá êle nunca se lembre de ir para a Africa, por causa dos dez por cento...

E mais nada.

AQUI, LISBOA!

Ao tomar conta desta casa, formei intenção de a reservar, tanto quanto possível, para as crianças das ruas de Lisboa. Por isso tenho regeitado sistematicamente os pedidos que nos chegam da Província. E' que as ruas de Lisboa são como as guelas insaciáveis duma fera onde a vida miserável dos próprios filhos se mistura com tudo o que de indesejável escorre da Província.

De dia ainda se salvam as aparências; é nas horas caladas da noite que os filhos da noite revelam todo o mistério doloroso que envolve as suas negras vidas.

Eu já o sabia há muito, mas precisava de o verificar com os meus próprios olhos. Queria avaliar a profundidade e extensão da miséria por que passavam alguns dos que já aqui estão pela daqueles que não tiveram, nem terão, um braço que os salve de tal abismo.

Foi no regresso do Buçaco onde há dias fui, como noticiava «O Gaiato», visitar os senhores do Pálace, que o mesmo é dizer: em peregrinação de de penitência.

O combóio da Beira chegou ao Luso já noite cerrada. A lua despontava, de cara cheia, por de cima do calvário da mata. Felizes os frades que, nos tempos idos, ali podiam viver tranquilos, naquele paraíso terreal. Talvez por muito cuidarem da terra, esquecessem o paraíso celeste e, por isso, lhes foi arrebatado um para que não perdessem o outro.

Ao passar a ponte do Choupal a lua volta a aparecer mais brilhante a iluminar todos aqueles lugares sagrados onde nasceu a Obra da Rua. Tinha pressa de chegar a Lisboa e por isso seguiu viagem não sem recordar os tempos idos.

Uma hora depois da meia noite, estava no Rossio. Só mais tarde teria meio de condução para o Tojal.

Bem me apeteceu uma cama no hotel, mas era preciso aproveitar o tempo: queria ir ao encontro daqueles que tem por cama, a soleira duma porta. Há problemas que se não resolvem porque se não conhecem. Este — o dos menores abandonados, com que lentidão tem sido estudado. E quão longe está ainda sem resolução satisfatória.

Acabam de solicitar a nossa interferência para três crianças de tenra idade cujo pai acaba de falecer de tuberculose e a mãe de baixar ao hospital com a mesma doença. O destino dos infelizes foi, à falta de melhor, a cadeia. Era assim nos tempos idos.

Houve quem visse na mesma sala duma prisão, alguns tuberculosos, um leproso e algumas crianças tudo à mistura com criminosos. Prisão; remédio para tudo. Felizmente que hoje não é tanto assim.

Como ia a dizer resolvi aproveitar o tempo e como Lisboa é grande e os condutores dos taxis homens de muito treino, esperei junto de S. Domingos por um taxi disponível. A Mouraria está perto; em frente, uma taberna, centro de balburdia.

Gostava de saber o que é que lucra a Nação com estas e outras portas abertas até às três e mais horas da manhã. Onde a podridão, ali as águias. Sombras negras apparecem e desaparecem. Agentes da policia actuam febrilmente ora num lado ora noutro, sem nunca conseguirem o socego. Honra lhes seja. Creio que tudo se reduziria a metade, se se fechassem tais portas e fosse levado à cadeia os incógnitos e ao manicómio as sem juízo. Haveria mais descanso nos hospitais, nos tribunais e às portas dos asilos, e menos sujeira nas ruas.

Nisto surge do beco a reduzida figura dum rapazinho a cambalear. Senta-se no passeio e adormece no mesmo instante. Curvado sobre si mesmo bate com a cabeça nos pés. Os transeuntes descuidados tropeçam nele.

ãa a aproximar-me quando um deles o desperta com um pontapé: «é pá! olha a ronda». O pequenito acorda sobressaltado e a cambalear segue para outro beco. Perdi-o de vista.

O taxi chegou nesse momento. Leve-me, ordenei ao chauffeur, onde costuma encontrar crianças a dormir pelas portas.

—O! isso é o que há mais aí — responde ele, se em vez duma dúzia quizer cem, é já.

O taxi deslisou ao largo Martim Moniz, subimos ao Castelo, descemos a Alfama, conversamos com o guarda nocturno do Albergue, voltamos para Alcantara. Aqui e alem um ou outro. E' que a policia tem feito uma grande limpeza — explica o chauffeur.

A minha máguia é precisamente esta: que seja a policia e não a caridade a estender a mão aos abandonados.

(Continua na página seguinte)

Notícias de Coimbra

■ Começou a época escolar. Uns para o Colégio, outros para a Escola Industrial e outros para o Ensino Primário. Por isso pedimos aos nossos estimados leitores, o obséquio de nos ajudarem, enviando livros para o 1.º e 2.º anos do Liceu e 1.º do Curso Industrial, e pastas para os mesmos.

Não se esqueçam dos estudantes.

■ Tiveram de retirar-se para a Casa de Miranda alguns dos rapazes mais pequenos, para darem lugar aos que vêm estudar, e empregar-se no comercio e na industria.

Como já noticiamos, esta casa foi destinada aos que vêm estudar e empregar-se. Por isso, conforme venham chegando uns, retiram-se os miudos para outras casas.

■ Vem aí o inverno, e como este tem medo de vir sozinho, traz consigo a chuva, o vento, a neve, o frio, etc.

Com esta frase já devem ter compreendido o que nós queremos dizer, ou antes, o que nós queremos pedir. Mas nós dizemos tudo Roupa. Precisamos de roupa de vestir e cobertores. Estamos mesmo deprimidos. Por isso não nos deixem morrer de frio.

■ O nosso documentário andou num cinema do Pombal. Foram lá o Sr. P. Manuel e alguns rapazes, estes para venderem o nosso quinzenal. Trouxeram 700\$00 (setecentos escudos). E' pouco, mas os poucos fazem muito e nós não desanimamos. Obrigado à gente do Pombal e ao Sr. Proprietário do Cinema.

■ Isto tem de se modificar.

Não concordamos, que, vivendo nós num sítio tam belo, cheio de encantos, de belezas magnificas, cujos algumas são: o famoso Penodo da Saúde, o Stadium Municipal, o novo Liceu Feminino e uma vista encantadora, estejamos tam deitados ao desprezo pelos nossos queridos leitores e apreciadores.

Será por não saberem a direcção?

Pois desde já ficam sabendo que a nossa direcção e esta:

Lar do Gaiato—Quinta do Cidral (Cumeada) Terceira Cidade de Portugal.

Não se esqueçam destes que se julgam já abandonados, vendo Porto, Paço de Sousa, Tojal e Miranda do Corvo, cheias de visitas e nós à espera de quem nunca vem.

Vamos a ver se isto dá resultado.

■ A venda do famoso tem decorrido menos mal. Deslocaram-se para a venda o Armando (Careca), o Figueiredo, e o Pinguinho. Da Miranda vieram dois: o Fofa e o Joaninha.

Os rapazes de cá venderam 191 jornais, trouxeram 52\$50 de acréscimos e uma assinatura de 40\$00

Os de Miranda venderam perto de 100 e levaram alguns acréscimos.

■ Enquanto se não fazem eleições, o chefe provisório é o José Pinho de Carvalho, que veio há pouco de Miranda, onde era cronista.

TODOSNÓS

AQUI, LISBOA!

(Continuação da página anterior)

Quis depois subir ao Caneiro de Alcântara, a terra natal dalguns dos nossos gaiatos, mas o condutor é que não esteve pelos ajustes.

«Nada que lá assaltam de dia, quanto mais de noite...» Como não era senhor do volante, tive que resignar-me.

Demos a volta por Campolide e descemos à Avenida. Eram três horas. Estrada larga! Aquela hora é mais larga ainda, porque de perdição. O cicerone que conhece todos os meandros da iniquidade vai comentando: — *O mundo está rótico, padre! O mundo está pôdre.* A lua começava a baixar, envergonhada. Eu estava enojado. Era para continuar, mas não valia a pena. Disse ao chauffeur que virasse para o Tojal.

Eram quatro horas quando cá cheguei. Percorri, sem ser notado, os salões de teto dourado, outrora aposentos da nobreza e agora dormitórios dos ex-filhos da rua. A paz e o asseio que reinavam aqui pareciam do paraíso. Benditas mãos que construíram este palácio; benditas as que no-lo deram, e também aquelas que com amor se esvaziavam para que aos pequeninos não falte o pão de cada dia.

PADRE ADRIANO.

Aos Assinantes de Castro Daire

Temos naquela vila uma formidável pancadaria d'Elles, — e que nomes! Foi o caso que o chefe da P. S. P. d'aquella região pediu-nos por um pequeno. Dissemos que sim. O pequeno era de tal raça e fazia tais coisas, que levantou em péso a gratidão dos moradores, e com ele veio também a lista dos assinantes. Muito se deve ao chefe d'aquella Posto.

Ora bem. Os assinantes perguntam quanto, a quem e como devem pagar. Eles desejam cumprir, ou não tivessem sido levados pela força da gratidão. Pois eu digo-lhes agora como ha-de ser: Enviar o que quiserem por vale do correio, pagavel em Cête. Nós em regra, não fazemos cobrança; queremos que os assinantes também façam alguma coisinha. O cuidado. O cuidado de pagar a tempo e horas. O cuidado de reflectir nas nossas despesas forçadas e astronómicas. O cuidado de ir ao correio, preencher, expedir. O cuidado é que trabalha.

Aqui ha tempos pedia numa igreja. Missa alta, côro cheio de elegantes. No fim da minha volta, vem alguém à sacristia.—Você não foi ao côro? Olhe que lá é que é gente de dinheiro. Não fui. Não vou. Para bem de todos, eu quero que todos gozem as verdadeiras riquezas... e desçam do côro.

No final da missa e eu ainda na sacristia, vem uma meia dúzia de senhores deixar na saca a sua oferta. Tinham estado no côro. Desceram. Fizeram alguma coisinha.

Ora pois, senhores assinantes de Castro Daire e das mais terras. O recado é universal. Descei do côro.

Gaiatos, 4 — Areosa, 2



É pela segunda vez que no «famoso» aparece a fotografia da nossa equipa de futebol.

Este grupo, que os nossos queridos leitores vêm, já obteve muitas vitórias, uma das quais no primeiro jogo que fizemos no Porto no campo da Constituição, em que vencemos os campeões da Mocidade Portuguesa. Já não falo das vitórias obtidas no nosso campo, algumas com muito custo, pois muitas equipas que se apresentam para jogar com a nossa trazem bigode e são pais de filhos; mas nós como temos rapazes pequenos furam por entre as pernas deles é um caso sério.

Alguns dos nossos jogadores têm sido tentados por vários grupos, um dos quais o União de Paredes para onde vai o nosso melhor jogador Sérgio.

* * *

Vamos agora ao relato do encontro disputado no domingo. O jogo começou às 15 horas e a nossa equipa alinhou da seguinte forma: Carlos, Sérgio e Poeta; Constantino, Rio Tinto e Armando; Periquito, Cête, Pimenta, António e Solimana.

O jogo começou com grande rapidez; Pimenta deu a bola de saída indo esta ter aos pés de Constantino que é desarmado pelo adversário; Sérgio corre, consegue apoderar-se da bola passa a Cête, este remata para fora. Até aos vinte minutos o jogo corre equilibrado, a bola está na frente das nossas balizas, um remate do ponta-esquerda mas Carlos defende.

Aos trinta e cinco minutos aparece o primeiro golo do encontro; Sérgio apanha a bola, passa a Solimana, este centra por alto e Pimenta com um tiro estupendo faz o primeiro golo.

Os nossos rapazes animam com êste tento, mas um contra-ataque dos nossos adversários dá-lhes oportunidade de marcar e assim aos quarenta minutos o avançado-centro deles apanha a bola, passa ao ponta-direita que imediatamente

UMA CARTA

Consegui no mês de Agosto realizar um dos meus grandes desejos que era visitar essa Grande Obra que eu julgava conhecer através do vosso Jornal. Fiquei porém surpreendido pois tudo quanto eu imaginava fica muito além do que me foi dado constatar. O que é possível fazer-se, quando existe BOA VONTADE! Como me foi consolador ver esse grupo de rapazes, noutros tempos sem eira nem beira, hoje com as suas casinhas espalhadas por essa Aldeia, cheias de sol, e onde se verifica haver alegria, pois foi isso que eu notei nos rapazes que me esclareceram a vida da sua Aldeia.

Quando estive na loja do PIRIQUITO no espelho estava o pedido do relógio. Peço para lhe comunicar que dentro de dias aí deve aparecer o desejado relógio, mas no caso de já estar servido, deverá ser entregue a quem mais dele precisar. Também foram tiradas algumas fotografias que conforme foi prometido também vão ser enviadas, para não acontecer como ai me disseram que muitas tem sido tiradas, mas que nunca mais chegaram.

Incluso remeto o nome e morada para um novo assinante do FAMOSO.

Esta carta é de Lisboa. Não há nada mais consolador do que ouvir ao próprio ou vêr escrito no papel aquele tudo quanto eu imaginava fica muito além do que me foi dado constatar.

Esta é a força que nos dá força. Não é uma crítica; é um espanto.

A seguir, vem a notícia da alegria que o visitante notou nos rapazes. Ele notou. Não puderam eles semblante alegre naquele momento; tinham-no. Ele notou. Segunda força que nos dá força.

Pode não haver nas nossas casas nada do que existe nas congéneres; nós somos pobres. Pode. Mas há em abundância o que talvez lá falte: alegria. Rapazes que se riem às gargalhadas.

Não é o fruto da juventude; êle há creanças tão tristes! Ainda há dias eu vinha de Lisboa e a última carruagem do combóio era feita de creanças tristes. Pequeninos da Alemanha. Tantos! Tão tristes! Eu parei a vêr. E' a guerra!

Não é fruto da juventude aquele onde se verifica haver alegria. E' sim, a resposta natural da criança quando goza o que é naturalmente seu. Eis.

A segunda parte da carta, trata do relógio do Piriquito, agora senhor Moreira, e muito tem dado que falar. Mal o souberam logo se apresentou um mundo de pretendentes, visto como Piriquito já tem relógio. E' um porque é chefe, outro porque se tem portado bem, aquele porque já tem bigode, e todos pelo luxo de um relógio; — o certo é que tenho sofrido bocados amargos. Piriquito, por sua vez e todo pimpão, vai desde já declarando à malta, dos pretendentes que, sendo melhor o que vier, fica mas é para ele!

O mais bonito é que o relógio, na maré destas discussões, ainda não tinha chegado; que fará quando ele chegar!!

Sim, meu senhor. Nós aqui fazemos tudo para que estes rapazes se sintam felizes. Se a Obra da Rua lhes não prestasse esse bem, seria droga.

(Continua na ultima página)

devolve de cabeça, Rio Tinto corre para desarmar o interior deles mas êste com um remate forte faz o seu primeiro golo. Aos quarenta e três minutos tornamos a marcar por intermédio do nosso avançado-centro Pimenta. Entretanto chega o Intervalo com 2-1 a nosso favor.

A segunda parte começou com os gaiatos a dominar; dez minutos após ter começado o jogo Constantino despacha a bola para a frente que é apanhada por Piriquito, êste passa ao António que com um remate a meia altura aninha a bola nas ballas adversárias. Cinco minutos depois Carlos é obrigado a uma estirada aos pés do avançado-centro; logo a seguir os nossos visitantes marcam o seu segundo golo.

Estava a terminar o encontro, faltavam apenas dois minutos quando Cête passa por entre a defesa deles e mete golo. Com 4-2, acabou o jogo em que vencemos e convencemos uma equipa que trazia alguns jogadores que faziam três dos nossos, mas é costume dizer que os homens não se medem aos palmos.

Viva o grupo dos Gaiatos!

Carlos R. Gonçalves.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

por
Pedro João

1 A venda do famoso em Lisboa, parece querer avançar! Já são dois domingos a seguir que nós vendemos quase quatrocentos e cinquenta. A Lisboa já vão nove rapazes e pelos arredores espalham-se cinco, e eu vou ao Estoril. Neste último domingo trouxe oitocentos e três e novecentos, sendo seiscentos de assinaturas e o resto do jornal. Agora já não posso dizer que venho de lá com fome. São as pessoas das mais variadas categorias, que oferecem de comer. É a senhora que nos deu os bois, é a governanta dum senhor rico. É um proprietário duma garagem e uma senhora Condessa, é uma outra senhora muito nossa amiga de Lisboa, e são também as senhoras dos correios. Foram elas as primeiras a escrever para eu lá ir e mandaram um par de meias e uma gravata, por não poderem oferecer o relógio. Eu costumo levar cem jornais, mas os que sobejarem deixo-os ficar nos correios e elas lá os vendem. Nos arredores de Lisboa também vamos menos mal. O Octávio tem ido vender pelas praias do Tejo. Em Carcavelos e Parede, tem vendido setenta. É uma senhora estrangeira, professora de Francês que lhe dá de comer e o leva às pessoas conhecidas que compram. Ele diz que encontrou muitos doentes. Também muitas pessoas ofereceram o jantar aos que lá vão a Lisboa, e até uma senhora quis cá trazer o Mendonça de automóvel por ele ter perdido a camionete.

2 Agora já não volto a pedir o relógio porque já houve quem mo oferecesse. Foi um senhor de Lisboa que mo deu. É um Tissot. Por mais um pouco era um marca

«tive sorte»! Não era nada de admirar porque quando fiz o pedido eu dizia no fim: vamos ver quem tem mais sorte. Falta vir a bicicleta para todos e a balança para a senhora. Este senhor que me deu o relógio sempre que me via a apregoar: — Olha «O Gaiato» ele respondia: Podes dizer que é melhor que o Benfica. Se eu não estou em erro eis é todo Benfiquista.

3 Sempre que cá vem a senhora D. Irene do Montepio, é uma alegria para nós. A penúltima vez que cá veio, foi para trazer a máquina de escrever Invicta que o senhor M. Simões Junior, tinha dado. Agora veio cá de novo e trouxe mais roupas, sapatos, livros, e um frasco de mel, e ainda mais embrulhos. Trouxe também uma joia de prata e um brilhante que uma senhora deu de promessa. As merendas agora são de pão e mel.

4 Estamos cada vez mais perto dos cinquenta. Ainda na última vez que escrevi para o Gaiato falava em trinta e oito, hoje já acrescento mais oito. O ano está quase no fim, mas os cinquenta também estão à porta. Alguns destes últimos também não são melhores do que aqueles que já cá estavam. Um deles era chefe duma quadrilha de ladrões. Outro mal cá chegou roubou vinte escudos e fugiu, mas voltou logo. Vem cá muita gente, e algumas pessoas a chorar para ficarmos com rapazes. Mas os quatro lugares que faltam, já estão prometidos; o pior é que se demoram muito voltam pelo mesmo caminho.

Crónica da Nossa Aldeia

1 Já fizemos as nossas vindimas que foram cheias de fulgor e de alegria.

Primeiro foram as uvas brancas, e os rapazes de manhã cedo munidos de cestos, escadas e escadotes e facas e navalhas e lá vão eles à maior faina mas que eles todos gostam. A vindima das uvas brancas foi curta visto nós termos poucas uvas havia de vir o dia das uvas pretas que enchem dois lagares e enchem seis pipas de 25 almudes cada uma.

Chegou enfim o dia o mais desejado de toda a malta e logo para abrir o dia, foguetes, e mais foguetes. O resto do dia correu com alegria e a merenda era deveras apetitosa e constava de sardinhas fritas, borôa da nossa que o Rio Tinto coze e do delicioso vinho verde da região do Douro mas também do nosso.

A noite quando estávamos a comer ouviu-se o som dos cavaquinhos e violas tambor e ferrinhos e cantadores tudo à moda do Douro. Ouvimos os cantares deles e depois foi tudo para a cama menos os vindimadores que foram para a casa velha, comer batatas com bacalhau e azeite sem faltar a respectiva bebida. A's tantas saltam todos para o lugar de calçadores nas mãos e toca a mecher as uvas e já era bem tarde quando se foram deitar com muita pena de não haver outra vindima nas mesmas condições. E assim terminou a vindima da casa do gaiato de Paço de Sousa.

2 Já abriram as nossas escolas do nosso maior edifício das nossas casas.

A parte de cima ainda não está acabada mas falta pouco. Na

parte de baixo as divisões são estas: três grandes salas amplas e confortáveis e cheias de ar e luz e ainda aquecedores. Tem ainda dois quartos destinados às nossas necessidades. Na parte de cima está o melhor que todos nós esperamos com ansiedade é a sala de cinema que leva quatrocentas cadeiras. Nós agora estamos a ver cinema na sala de cantico e temos uma máquina toda boa no valor de dezoito contos que o Sr. J. C. Alvares nos deu e ainda manda filmes todas as semanas. E é isto o grande edificio aqui dito muito pequeno mas quem vier cá muito grande.

3 Arderam. Arderam mas foi as nossas ricas merendas de cachos de uvas em prémio das nossas uvas foram sempre respeitadas desde que nasceram até à data da vindima.

Elas vinham de Mesão Frio quatro caixotes todas as semanas até completar os mil quilos ou seja uma tonelada. Comemos muitas já se sabe pelo menos todas as semanas que elas chegavam, e agora arderam.

Acabou-se com muita pena de todos. De vez enquanto, quando algum rapaz chega mais tarde ouve-se dizer para os companheiros a merenda é uvas, tal é o desejo delas mas infelizmente arderam.

4 Nasceu uma vitela muito bonita e é para criar porque nós já temos menos gado porque há pouco tempo vendemos na feira uma vaca que rendeu seis contos.

Notícias da Casa do Gaiato de Miranda

por
José Pinho de Carvalho

1 Temos quase prontas as obras que andamos a fazer. Mas após estas estejam prontas, as obras não acabam porque ainda cá há muito que renovar. Temos de destruir os currais e algumas casas que compramos para construir tudo de novo: avenidas largas e um campo de futebol, substituição do que temos porque este está mal situado.

2 Como um dos nossos maiores gostos era termos uma equipe de futebol quantos visitantes cá vinham a gente nunca nos esquecíamos de lhes pedir alguma coisa para ajuda da equipe e quase todos nos davam. Sabendo isto veio cá um dos nossos maiores amigos de Coimbra que nos trouxe as camisas e disse que nos dava o pano para os calções e que vai escrever para a fábrica de chuteiros para ver se eles nos os vendem mais baratas ou se eles até nos dão algumas. Nós ficamos muito contentes e agradecemos-lhe muito.

3 Já apanhamos o nosso milho e o feijão; não foi este um dos anos em que tivemos menos, mas se não fosse o que compramos, o que a quinta produz não chegava nem para meio ano. Também já terminaram as colónias de férias da S. da Piedade, por este ano já chega, para o ano que vem ainda há-de ser melhor porque também lá andamos com obras.

4 Foram como de costume vender o famoso a Coimbra e à Louzã; venderam muito bem. Os vendedores foram o Joaninha e o Eduardo. Já não tornamos este ano mais a ir vender o famoso à Figueira da Foz porque já se lá não arranja para as viagens.

Para irem no carro de cá também não serve porque ele já não vale nada; na quinzena anterior quando o Sr. Pedro Manuel ia para a Figueira fazer o pedidório mais dois vendedo-

res, o carro avariou e eles tiveram de ir de combóio.

5 No dia 26 de Setembro de 1948 reuniram-se os componentes da Conferência do S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato, assistindo todos os confrades, assistente e presidente. Rezaram-se as orações do início e em seguida fez-se a leitura dum texto do livro: Segredo de Heroísmo, intitulando-se o capítulo: As árvores revoltadas.

Seguiu-se a explicação ao texto que dizia: Certo dia as árvores da floresta capitaneadas pelo Ulmeiro, encheram-se de certa arrogância e disseram umas para as outras: Tudo nos é submisso excepto o Sol, por isso revoltar-nos-emos contra ele. Passado tempo a revolta surtiu efeito e então sentiram-se as consequências. As árvores arrastavam-se pelos campos e as suas folhas tinham um aspecto de morto.

Assim também há homens célebres, mas falta-lhes o melhor, a luz da graça de Deus que se eles a tivessem podiam-se chamar célebres em toda a extensão da palavra.

Seguiu-se o inquérito: a pobrezinha do Carapinhal pediu-nos um pouquinho de açúcar.

Na Ribeira só estavam as miuditas às quais foi entregue a esmola.

No Corvo o homem tinha ido à missa enquanto que a mulher não podia, teve de ficar em casa porque não pode ajoelhar. De resto todos os nossos pobres estão bons.

No domingo passado não houve possibilidade de se fazer a reunião, mas já foram tomadas as medidas necessárias para que isso não torne a suceder. Como não havia mais nada a tratar encerrou-se a reunião com as orações habituais, rendendo o pedidório 44\$90.

Presidente - José Pinto de Carvalho

Secretário - João Carlos de Freitas

Tesoureiro - Fernando Alexandre Guedes

UMA CARTA

Continuação da
página anterior

A própria discussão do relógio de que ora falamos, por lhes ser grata, nós deixamos que ela prossiga e venha a aquecer muito mais, quando o relógio chegar. Não é só para marcar horas que estes relógios servem. Alguns dos nossos mais pequenos, pintam-nos no pulso a tinta encarnada, e enquanto dura a pintura, eles gozam-nos como se fossem d'ouro. E vem-nos mostrar: *olhe o meu relógio*. E eu olho e gabo e faço festas ó relógio.

Sim, meu senhor. Nós queremos que os nossos rapazes se riem de dentro para fora. Quantas creanças de famílias ricas, com educadores em casa e tudo, desejariam a imensa alegria dos nossos! A's vezes tenho de sair no Morris e premedito um que há-de ir na minha companhia, por passeio. Primeiramente vem-me a ideia da surpresa. Dizer-lho na própria hora. Haveria assim mais emoção. Porém, nunca assim fiz. Se eu começo a gozar o passeio do rapaz desde o momento em que o concebo, porque não há-de ele também gozar-lo desde a mesma ocasião! E lá vou dar ao feliz a notícia antecipada para ele gozar mais e ser mais feliz. Quantas vezes isto acontece!

Mas faço mais. Segredo a notícia e peço-lhe que se não desmande até então. *Olha lá se fazes alguma, que não podes ir!* E tenho ouvido também segredos, á maneira que o dia e hora se aproximam: *Olhe que eu tenho-me segurado*. E vão. E lá vamos. Tanta alegria no coração d'eles, quanta no meu. Mais no meu!

Sim, meu senhor. Nós fazemos tudo. Eu cá ter-me-ia na conta do homem mais infeliz do mundo, se visse caras tristes debaixo das nossas telhas. E mais nada.

Mais visitantes. Visitantes de outra sorte. Veem trazidos pela fama. Em um mesmo dia vieram dois; um de Colónia outro de Paris. São educadores. Dão-se, mesmo, por educadores e querem saber como aqui é. Chegam em regra, acompanhados de um senhor de nacionalidade portuguesa, que faz a apresentação e explica o fim da visita. Eu cumprimento, escuto, nomeio cicerone e trato da minha vida. Aí veem eles, de observar tudo.

— Quantos educadores têm na casa?

— Nenhum.

— Ninguém?

— Não senhor.

— ???!

E vão-se para as suas terras. Acabou.

Outra sorte de visitantes, que muito interessam á vida da aldeia. Hoje mesmo veio um assim. *Chevrolet* do ultimo modelo. Ele mal-lá Esposa. Vêr muito falar pouco. Carteira na mão. *Você o que precisa é mas é de dinheiro. Tome lá*. E desandou. Outros tem também sua graça. Ontem foi assim. *Estou encantado. Vou-lhe mandar para cá muitas coisas*. Não disse o quê nem é preciso. Não manda nada.

Variedade. Diversidade. O mundo é assim.